REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 891

30 DE SETEMBRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISCONDE DE GUILHOMIL

PRESIDENTE DA COMMISSÃO PROMOTORA DA EXPOSIÇÃO AGRICOLA

CHRONICA OCCIDENTAL

Um d'estes dias, o deus dos ventos, ou fosse rabugice ou fosse engano na leitura do calendario, mimoseou-nos com um temporal, d'estes de lembrar o mais rigoroso pino do inverno. Todo o santo dia — e chamar-lhe santo sahiu-me tolice — do céo não se viu um bocadinho e nuvens pardas, côr de cebo e côr de chumbo, e ás vezes negras como a tinta com que escrevo, vasaram para a terra metade das aguas do oceano.

Não andei com sorte n'esse dia, porque o havia escolhido para um passeio até Vallada, que heroicamente cumpri.

Quando sahimos do tunnel, quasi não demos por isso. Ainda não eram quatro horas e a tarde era tão escura como se fosse noite. O vento soprava rijo e os eucalyptos, á beira da linha, baloiçavam-se tão espavoridos, que quasi vinham com seus ramos bater nas vidraças da carruagem. Nem viv'alma por esses campos. Apenas, um pouco para lá do Carregado, avistámos um bando de ovelhas a fugir e um pastor todo curvado sob a refrega. Nas estações, atravez dos vidros, embaciados por dentro e a escorrerem por fóra, mal se percebiam sombras passando rapidas, e chapeus de chuva que o vento revirava.

Ia na aldeia uma grande desconsolação. As vindimas não tinham acabado ainda, algumas até mal haviam principiado, e, se o tempo assim continuasse, era uma desgraça. Os ranchos das mulheres não se atreviam a sahir e a uva ameaçava apodrecer sobre o chão encharcado.

Cahia a chuva, cahia sem descontinuar, as rajadas do vento sibillavam e encapellava-se o Tejo, cuja margem fronteira parecia ter-se afastado para muito longe.

Assim foi todo o dia de sabbado. Só alta noite appareceram umas estrellas, uma aqui, outra acolá, em raros pontos onde as nuvens se esfarrapavam. Mas sempre era uma esperança.

O vento foi amainando; domingo ainda choviscou; mas vieram depois dias lindos, como era dever do mez de setembro dar-nos na sua despedida.

Os vinhateiros, que eu deixei em Vallada profundamente desconsolados, já devem a estas horas andar radiantes. Tiveram tempo, e de sobejo, para concluir seus trabalhos, e nos grandes toneis, fóra de perigo, já ferve agora o vinho.

Que lindos foram estes dias que passaram! Que meiguice a do céo ao sol posto e que placidez a do mar! Quem havia de cuidar, ao vêl-o agora assim tão manso, que, ainda ha bem pouco, elle fôra causa das maiores angustias?

Voltam alegres os pescadores e bemdizem o mar generoso. O mar generoso como é perfido ás vezes!

Ha pouco, no meio da maior escuridão, encapellou elle as suas vagas e quiz dar morte a dois homens, que, só á custa de muita valentia, o souberam vencer e de seus abysmos livrar-se.

Vinham elles, os dois sósinhos, n'um pequenino vapor, a reboque d'outro que os havia de trazer dos mares do Algarve até Lisboa. O temporal roncava, a escuridão era tamanha, que d'um barco não se avistava o outro. N'isto, rompe-se o cabo que os ligava e os dois desgraçados ficam sósinhos a luctar com as ondas!

Quem podia suppôr que escapassem? Como haviam de luctar dois homens, n'uma casquinha de noz, com o temivel gigante?

Os outros não deram ao principio pelo desastre e continuaram sua derrota. Ao darem pela desgraça, era tarde de mais para acudir-lhe. Deram parte do succedido e da morte dos companheiros. Pois não era mais que certa?

E' que não contavam com o sangue frio e a audacia dos dois abandonados.

Um d'elles tomou conta do leme, o outro desceu e accendeu o lume sob as caldeiras. Durante duas horas, viram a cada instante surgir-lhes a morte ante os olhos. Luctaram para vencel-a e puzeram-lhe medo.

A machina começou trabalhando, o barquito obedecendo ao timoneiro. O fumo, que sahia pelo cano, logo o vento o dispersava; mas nas grandes ondas o helice levantava uma espuma branca. Foi um verdadeiro combate que levou horas e horas, mas avistaram por fim o porto, onde suas familias já choravam o vêrem-se d'elles desamparadas.

Que momento de alegria devia de ser esse! Não voltavam do mar, voltavam da morte; eram dois resuscitados!

Como devem agora gosar d'estes dias bellos, do céo todo azul que seguiu tão de perto as nuvens de tempestade, d'esta brisa da tarde que é cheia de caricias, d'este sol tão bom que os aquece agora luminoso e desfez a escuridão espessa

PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO, ONDE SE REALISOU A EXPOSIÇÃO AGRICOLA

d'aquella medonha noite sem luar e sem estrellas. Como a vida é boa a quem esteve para perdel-a e, no intimo da sua alma, á mulher e filhos, e a todos a quem mais queria, já disse um eterno adeus!

Devem-lhes agora saber bem os afagos da familia, o ar da terra, os abraços dos amigos.

Com estes dias que depois vieram, maior animação tomaram as praias onde mais gente concorreu, quer pela belleza do tempo, quer pelos attractivos com que todos procuram chamar os forasteiros.

Bailes, festas, concertos, regatas, quanto é sabido e quanto as fantasias novas inventam, com tudo se procura animar as estações mais favorecidas pela escolha da sociedade elegante.

Ha dias chegou a Cascaes a familia real que ahi passou o dia 28, anniversario natalicio de El-rei sr. D. Carlos, e da rainha sr.ª D. Amelia.

Sua chegada de Cintra a Cascaes foi, como sempre para esta villa, grande festa. Foram as ruas embandeiradas e as janellas enfeitadas com ricas colgaduras. A divisão naval composta dos cruzadores *D. Carlos* e *D. Amelia* fundeou na bahia. Toda a colonia de Cascaes foi ao extremo do concelho esperar a rainha, sr.ª D. Amelia, e ahi se formou o cortejo composto de muitos cyclistas, cavalleiros e cento e tantas carruagens. Não faltaram vivas e foguetes durante o trajecto, nem musicas á chegada, tocando o hymno da carta as bandas dos bombeiros voluntarios e a do regimento de infanteria n.º 5. A' noite, houve illuminação, como sempre bellissima n'aquella fantastica bahia, das mais formosas do mundo.

Infelizmente, voltou o tempo a enfarruscar-se, o que obrigou Lisboa a pensar no inverno que já vem proximo.

Já abriu o theatro da Trindade com sua definitiva companhia de inverno e já nos jornaes lemos frequentes noticias e reclamos de theatros, cujos emprezarios não deixam seus creditos por mãos alheias.

A empreza do theatro do Principe Real tenciona, segundo se diz, encetar um novo caminho, offerecendo ao publico frequentador d'aquella sala alguns originaes portuguezes, peças de grande espectaculo, historicas, militares, etc. Encommendou a Marcellino Mesquita a peça com que ha de estreiar-se a nova companhia.

O theatro D. Amelia abre as suas portas no dia 15 do proximo mez, devendo tambem n'essa noite ser inaugurada a installação da luz electrica.

Coquelin virá em novembro a Lisboa representar o *Cyrano de Bergerac* e o *Thermidor*.

Todos os outros theatros já andam preparando seu repertorio.

O inverno não tarda; não ha tempo a perder.

O espectaculo que, ultimamente, entre nós mais chamou a attenção, foi o do orpheon, El Eco, que deu seus concertos no Colyseu velho.

Para demonstrarem sua sympathia ao povo portuguez os artistas hespanhoes cederam em beneficio dos famintos de Cabo Verde o producto do seu ultimo concerto, havendo o conselho director ido a Cascaes pedir á rainha sr.ª D. Amelia, a sua presença no magnifico festival.

Honra lhes seja, e com elles vão todas as nossas sympathias.

Mais tarde, muito mais os theatros nos darão que fallar. Aquelles, de que hoje ainda se não diz nada, talvez nos reservem as melhores surprezas.

João da Camara.

OS SECULOS DA REVOLUÇÃO

As communas de França

(Continuação do n.º 886)

II

A revolução communal das cidades de Noyon, Beauvais, Laon, Amiens, Sens, Saint-Quentin e Soissons, em breve se reflectiu em Reims e Vezelay. Apesar das perseguições feudaes, das resistencias do alto clero e da inconstancia dos reis, todas estas communas se organisaram, tomando por modelo a *ghild* germanica, e a palava — *communna* designa desde então a municipalidade constituida pela associação voluntaria e sob a fé do juramento.

A's portas da França, em Flandres[1], repetem-se eguaes acontecimentos: florescem no seculo XII, com as suas cartas municipaes (*keures*) as energicas e industriosas communas de Ypres, de Bruges e Gand[1]; e no seculo XIII (1247) forma-se na Allemanha a liga do Rheno, que, para resistir ao feudalismo e ás invasões normandas, funda uma confederação de 80 cidades, e em breve apparelha 600 navios para proteger a sua industria e a liberdade de seu commercio[2].

A revolução communal que descrevemos nas cidades antigas, onde a invasão havia apagado o vestigio das instituições municipaes, deu-se egualmente nas cidades novas, formadas ao sopé dos castellos e em redor das ricas abbadias. A contar do seculo X, a escravatura, modificada pelos costumes sociaes[3], convertera-se na servidão da gleba. Os servos, vivendo nas terras com suas familias, breve fundaram aldeias, que, constituidas pelo christianismo com suas egrejas, entraram sem demora, como parochias, na divisão ecclesiastica. Pertenças do castello, essas pequenas communidades ruraes eram vigiadas pelo intendente do senhor, que, não raras vezes servo, chamava para o auxiliarem, alguns servos tambem. Então começa de alvorecer uma certa vida local, que sobe de nivel, quando a aldeia se fez cidade, e quando cresceram, com a industria e commercio, os haveres de seus habitantes, que, por serem fructos do trabalho, reclamavam garantias. Desde o seculo XI os acontecimentos ensinaram a conquistá-las. A rebellião constante dos grandes vassallos da corôa, e as revoluções communaes contra os altos dignitarios da egreja, abriram caminho aos servos contra os senhores immediatos. Por isso as cidades novas imitam as antigas, dando exemplo aos burgos, engrossados pelos transfugas de todos os partidos, que, abrigando-se á sombra do *asylo* da opulenta abbadia e do castello senhorial, tinham d'este modo dado incremento á sua riqueza e população. Tornando-se necessarios pela industria e serviços prestados nas differentes guerras, feridas contra os invasores ou contra os inimigos do poderoso barão feudal, não raras vezes alcançam, em recompensa da sua coadjuvação, privilegios que, robustecidos pelo escoar dos tempos, deram nascimento a alguns municipios.

Assim, a todas as cidades antigas e novas se communicou o enthusiasmo das novas ideias; a todas revolucionou, quando tinham população sufficiente para se impôr aos poderes constituidos, ou para luctar com elles. Ao norte da França, o impulso communal era tanto mais vigoroso quanto maiores eram os obstaculos. A communa, combatida, escarnecida, por vezes afogada em sangue, renascia com o novo baptismo mais virente, mais energica e mais tenaz. Lucta com os tres grandes poderes d'aquelle tempo: a realeza, o feudalismo e o clero. Umas vezes negoceia com diplomacia; outras, compra a dinheiro; mas quasi sempre combate com as tropas concelhias, oppondo ás muralhas e torres acastelladas o braço robusto do homem de trabalho, avigorado nestas pugnas constantes.

Os que conhecem as paixões e rudeza do seculo XII, podem imaginar a serie de violencias e crimes, que, de um e outro lado, esmaltavam tragicamente as luctas originadas pela fundação da communa. Muitas se assemelham, e por isso nos poupamos a repeti-las. O que aqui se deve notar é a constancia dos novos cidadãos, que, até aos fins do seculo XIII e começo do seculo XIV, jámais desanimaram, ainda através das maiores calamidades[4]. Constancia notavel, porque não tinha sómente de combater a força aguerrida dos terriveis barões feudaes, mas a força incontestavelmente superior da egreja, que oppunha á emancipação dos povos o interdicto, que infundia nos animos o pavor, e o desalento. Fechadas as portas dos templos, cobertas as imagens dos santos, e os cruzeiros erguidos nos caminhos, privados do tanger dos sinos e da pratica dos ritos e ceremonias, que soiam ser o cortejo natural dos casamentos e dos mortos até á sepultura christã, — privados de tudo isto, deviam os burguezes apavorados duvidar muitas vezes do direito da sua causa.

Se volvermos em espirito a esta epoca essencialmente religiosa, e nos lembrarmos de que o interdicto da egreja prohibia aos homens rudes da edade média as festas populares e alegres dos domingos e dias santos; se considerarmos que o padre baptisava o recemnascido a occultas, como se praticasse um crime; e que o casamento, estava riscado do kalendario da vida; que os enfermos morriam sem confissão, como se para elles não houvesse esperanças de salvar-se; e que os mortos inhumados em terra profana ficavam expostos, segundo as crenças do tempo, ás torturas dos espiritos malignos[1]; e os vivos privados da triste consolação de orar sobre a fria campa dos mortos, — devemos concluir que era mister grandeza de animo, constancia de uma ideia, perseverança na justiça de uma causa, para luctar neste seculo contra a funebre impressão de tão graves acontecimentos; e todavia existiu essa perseverança, talvez nunca depois imitada. Na edade média, as revoluções fomentavam revoluções, ainda com mais rapidez do que no ultimo seculo. A razão é que a época era essencialmente critica, de discussão e analyse. Hoje os poderes constituidos tem uma theoria, que os sustenta; uma administração, que os defende; um partido, que os apoia. Na edade média tudo isto existia, mas informe, sem consistencia, não sendo aquella que um homem ousado, servindo-se da força, podia conseguir. Tratava-se de crear a legalidade, a ordem, o *statu-quo*. Mas o direito romano perecêra nas invasões; o poder dos pontifices desprestigiára-se, e o direito canonico, que alcançará um papel brilhante, principiava apenas experimentando as forças. Além d'isso, o dominio romano fôra a época do silencio, do despotismo armado, do imposto extenuante. A edade média era a época da discussão, da lucta dos poderes, das revoluções dos povos; não existindo um direito sanccionador e dominador, havia ensejo para a vontade humana se affirmar.

Existia, sem duvida, um clero robustamente constituido, mas por isso mesmo cheio de privilegios. Desde Constantino, as attribuições do poder sacerdotal haviam crescido constantemente. Obtivera em primeiro logar a supremacia sobre as magistraturas leigas, e em breve chamára a si o julgamento directo de certos delictos e uma parte da jurisdição nos negocios civis. Quando as cidades conquistadas pelo imperio se organisaram em municipios á semelhança da metropole, o bispo ingere-se na curia; torna-se administrador; inspecciona os trabalhos publicos e os edificios; dispõe dos rendimentos da cidade; intervem na nomeação dos tutores e curadores; preside á escolha das auctoridades municipaes. E quando, emfim, apparece um decreto, ordenando o deposito nas egrejas de todos os actos do estado civil, elle imprimio a toda a sociedade uma feição nova.

Decadente a curia, e depois das primeiras invasões dos barbaros, foram os bispos nas cidades os representantes dos antigos magistrados, a que os romanos chamavam *defensores*. No desempenho d'essa magistratura, prestaram relevantes serviços; e, intervindo com a sua influencia moral pelos povos vencidos, cresceu o seu prestigio, porque nas crises e calamidades, que ordinariamente acompanham as guerras, eram elles o apoio moral dos opprimidos e elevavam para o céo, ultima esperança dos que soffrem, as almas attribuladas. Com o correr dos tempos, porém, trocaram a sua influencia espiritual pelo poder temporal. Vivendo numa época de feudalismo, seguiram a corrente do seculo; senhores das consciencias, em breve foram senhores da terra; e, como esta, tinham os seus homens adscriptos, dos homens tambem. Como senhores feudaes, tinham alta e baixa justiça, os direitos banaes e a faculdade de livremente e a seu talante levantar impostos. Não foi a egreja que invadiu o feudalismo; foi o feudalismo que invadiu a egreja. Os reis deram aos *leudas* os beneficios ecclesiasticos; d'ahi os bispos possuidores de grandes feudos, — barões e soldados. O defensor transforma-se agora em um conde feudal, e, na impotencia da realeza, que durou tres seculos, só existiam dois poderes absolutos, sem regra, nem repressão: — o conde no seu castello forte, e o bispo na sua cidade metropolitana. Eis porque a revolta communal, que tirava os poderes civis e politicos ao clero, e os dava á cidade ou associação burgueza, encontrava energica resistencia nos altos dignitarios da egreja. Houve, sem duvida, honrosas excepções; e mais de um veneravel prelado, apiedando-se do soffrimento dos povos, tomou a iniciativa da emancipação communal; sirvam de

---

[1] O condado de Flandres era no seculo XII vassallo da corôa de França.

[1] Gand tinha 80:000 cidadãos promptos a pegar em armas, e no seu brazão gravára com orgulho a divisa quasi romana — S. P. Q. G. (*Senatus populus que gandavensium*). Ypres contava dentro de seus muros 200:000 tecelões. Bruges, emporio de toda a Flandres, era centro onde concorriam innumeros mercadores, e possuia já no seculo XIV uma companhia de seguros, dois seculos antes de esta instituição apparecer noutras cidades da Europa.
Vide DURUY, *Histoire du moyen âge*, pag 351-352.

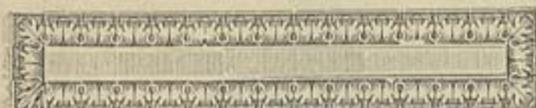
[2] Vide BARTHOLD, *Histoire de la Hanse allemande*. Leipzig, 1854.

[3] Vide a memoria que apresentámos em 1892, no Congresso Juridico de Madrid.

[4] Sirvam de exemplo as cidades de Soissons e Sens, de Laon, Reims e Vezelay.

[1] Vide *Les freres d'armes*. Livro traduzido do Inglez, de auctor desconhecido.

exemplo os bispos de Noyon e Amiens. E' certo, porém, que d'entre o clero os homens de maior genio empregaram sua influencia moral, servindo-se de palavras vehementes contra a revolução, que no seculo XII ia avassallando toda a Europa; até o proprio abbade de Claraval, S. Bernardo, foi o tribuno do direito constituido, como Abaillard e Arnaldo de Brescia foram os defensores da nova ordem de coisas.[1]

(Continúa). *Conde de Valenças.*

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO AGRICOLA NO PORTO

Inaugurou-se no dia 17 do corrente no Palacio de Crystal, no Porto, uma exposição agricola e de productos mineraes.

As installações occupam as tres naves e as galerias d'aquelle edificio, estando profusamente representadas a industria portugueza e particularmente a industria agricola.

A exposição divide-se em duas secções, sete grupos e dezenove classes, assim classificadas: productos alimentares de origem vegetal; productos agricolas não alimentares; productos alimentares das industrias ruraes e das que se acham em estreita correlacção com ellas; productos das industrias não alimentares mais dependentes da agricultura; arvores fructiferas e fructos; productos hortenses e suas sementes; arvores, arbustos, plantas e flores; avicultura e aviarios; materiaes e processos das explorações agricolas e industrias correlativas; engenharia agricola, vehiculos accessorios; material e processos das explorações ruraes e das industrias agricolas; florestas e industrias que d'ellas derivam; caça, pesca, agricultura e colheitas de productos obtidos sem cultura; instrucção agricola; productos de diversas industrias que interessam a população rural do paiz e colonias; productos mineraes; productos naturaes e agricolas; productos naturaes agricolas preparados pelas industrias immediatamente dependentes da agricultura por aquellas que se acham em estreita correlação com ella e material destinado ao estudo das nossas colonias.

Das installações, todas dispostas com um bello cuidado e gosto artistico, destaca-se pela sua opulencia a d'El-Rei D. Carlos, occupando todo o palco, contendo collecções do maior interesse.

A installação é formada por um conjuncto de redes de pesca presas por uma grande coroa ducal e desdobrando-se a toda a altura e largura do palco.

Os armarios estão occupados com cabeças de javalis embalsamadas, lynces, aves e outros animaes mortos por El-Rei nas suas caçadas; cereaes, vinhos e azeites, colhidos nas propriedades de Vendas Novas, da Casa de Bragança; armas caçadeiras e petrechos de caça, facas de matto, lanças de caçar javardos, bolsas de caça, aljavas para furões, etc.

Em armaria tem uma collecção curiosa de espingardas, umas pelo seu trabalho, outras pela sua antiguidade e ainda outras pela sua historia.

Das demais installações destacam-se como dignas de especial menção e originalidade as da Real Fabrica de Conservas de Mattosinhos, dos srs. Lopes, Coelho Dias & C.ª, dos srs. Menéres & C.ª; da Real Companhia Vinicola; dos srs. Silva Carneiro & C.ª, com licores, aguardentes, vinhos e cascaria; dos srs. Borges & Irmão, composta de varios vinhos; de cortiça e rolhas, dos srs. Barbosa & C.ª; do sr. Manuel d'Albuquerque, de azeites, cereaes, fructas, etc.; da Companhia das Lezirias de cereaes, madeiras, cortiças, lãs, palhas, aguardentes, etc.; da Associação Vinicola da Bairrada, de vinhos e *champagne*; dos srs. Affonso Cabral, de productos das suas propriedades, de vinhos, azeites, fructas, etc.; do sr. Guilherme da Silva Spartley, de vinho, especialmente Bucellas branco e tinto; dos Armazens Estrella, de vinhos, azeites e vinagres das suas propriedades; da Companhia União Fabril, de cervejas, bebidas alcoolicas, vinhos, etc.; da Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto e da Companhia Vinicola do Norte de Portugal, de vinhos; da firma Martins, Ferreira & Oliveira, de productos coloniaes; da Sociedade Commercial de Exportação, tecidos para as nossas colonias africanas; da fabrica Jacintho, productos identicos; da Colonia Agricola Correccional de Villa Fernando, de productos agricolas; do estabelecimento Humanitario do Barão da Nova Cintra, de industrias caseiras; da firma Silva & Rocha, de carvão das minas de S. Pedro da Cova.

E' opinião unanime que no seu genero esta exposição é uma das mais completas que se tem realisado no Porto, não só pela variedade dos productos expostos, como pelo numero e qualidade dos concorrentes.

A INFANTERIA

Essa honra cabe á commissão organisadora da Exposição, de que é presidente o sr. visconde de Guilhomil, que é egualmente presidente da direcção do Palacio de Crystal, e a cuja potentosa iniciativa se devem os resultados obtidos, pois são sempre proveitosos a um paiz essencialmente agricola como o nosso, *certamens*, como este, que o Porto teve a honra de realisar.

Accedendo gentilmente ao convite da commissão promotora, El-Rei, no seu regresso das manobras do Minho, demorou-se algumas horas no Porto propositadamente para fazer essa visita, e que representa uma prova de subida consideração de S. Magestade pelos iniciadores da exposição.

Foi por esta occasião que El-Rei o senhor D. Carlos, usando de uma das suas mais sublimes prerogativas de monarcha constitucional, concedeu o perdão aos deportados de infantaria 18, o que deu uma nota brilhante a esta festa do progresso.

AS MANOBRAS DO OUTOMNO NO NORTE

Visita de El-Rei a Vianna do Castello

Estiveram na verdade magnificentes as festas que Vianna do Castello offereceu a Sua Magestade El-Rei, por occasião da sua ida áquella cidade para assistir ás manobras militares no Minho.

El-Rei que se fez acompanhar por seu Augusto irmão o sr. D. Affonso, teve uma recepção affectuosissima e durante a sua estada ali, foi alvo das maiores manifestações de sympathia por parte de todas as classes sociaes de Vianna.

Além da comitiva de Sua Magestade e Alteza, acompanharam os regios viajantes os srs. ministro da guerra e ajudantes, engenheiros Vasconcellos Porto, conselheiro Ferreira de Mesquita, respectivos inspectores do movimento e tracção e general José Joaquim de Paiva Cabral Couceiro

Vianna durante os dias que ali permaneceu Sua Magestade, revestiu um aspecto desusado, muitas ruas engalanadas artisticamente apresentavam decorações de bello effeito.

O arco triumphal em estylo manuelino, á entrada norte da rua Manoel Espergueira, construido a expensas do sr. conselheiro Joaquim José Cerqueira, foi alvo do elogio e da admiração de todos.

As illuminações, que obedeceram a um plano inteiramente novo deram o resultado desejado.

A rua 8 de Maio até ao largo João Thomaz da Costa, Avenida Luiz de Camões e a ponte do caminho de ferro produziam um surprehendente effeito.

Apresentava tambem um aspecto pittoresco o jardim publico onde os Bombeiros Voluntarios organisaram uma *kermesse* illuminada brilhantemente a gaz.

A serenata no rio foi deslumbrante; mais de sessenta barcos illuminaram a capricho com 3000 lumes, o da Associação dos Maritimos era illuminado a gaz acetilene.

Na margem esquerda do rio ostentava-se um «panneau» decorativo, desenhado por grande numero de luzes polycromos com uma saudação ao Rei.

Sua Magestade assistiu á serenata e fogo n'um elegante pavilhão rustico, armado na rotunda da Avenida Luiz de Camões, junto da estrada marginal do rio.

Tambem ostentava vistosas decorações e illuminações a praça da Rainha, feitas a expensas da Associação Commercial.

Sua Magestade e o sr Infante D. Affonso assistiram tambem a um espectaculo de gala no theatro «Sá de Miranda» cujo producto reverteu a favor das casas de beneficencia de Vianna.

O torneio que o Club Instructivo de Caçadores realisou no dia 16 foi deveras interessante, assistindo El-Rei e o sr. Infante D. Affonso.

Os atiradores foram em numero de 14, sendo disputados cinco premios:

1.º Offerecido por Sua Alteza Real D. Luiz Filippe, presidente honorario do Club,
2.º Pelo sr. ministro da guerra.
3.º Pelo sr. governador civil de Vianna.
4.º Pela Camara Municipal.
5.º Pelo Club de Caçadores.

Nas manobras militares tomaram parte 4.200 homens, approximadamente, sendo as forças representativas do inimigo commandadas pelo tenente coronel de caçadores 3, sr. Isidoro de Magalhães Marques da Costa e os grupos dos esquadrões de cavallaria 6 commandados pelo sr. major Caeiro.

Todas as evoluções do thema foram executadas com precisão inexcedivel, sob a direcção do sr. general Luciano Cibrão e do sr. general Nogueira de Sá, commandante da 5.ª brigada de infanteria.

O general sr. Luciano Pego d'Almeida Cibrão é o commandante da 3.ª divisão militar com sede na cidade do Porto. Nasceu em 12 de junho de 1836 e sentou praça em 1854 pelo que ha 49 annos que serve nas fileiras do exercito, onde tem desempenhado varias commissões de commando como o de caçadores n.os 1 e 5, seguindo toda a escala de postos até ao de general de divisão em 27 de setembro de 1902.

Distincto por seus dotes naturaes e illustração, el-rei nomeou-o seu ajudante de campo effectivo. Muito considerado em todo o exercito é estimadissimo no Porto, onde tem desempenhado com alto criterio o difficil encargo de commandante da 3.ª divisão.

UM BIVAQUE DE CAVALLARIA

[1] THIERRY, *Lettres sur l'histoire de France*, pag. 294. Veja-se a carta que escreveu S. Bernardo a Innocencio II contra a communa de Reims.

As manobras do Outomno, no Norte

GENERAL LUCIANO CIBRÃO

OFFICIAES NAS MANOBRAS

UM BIVAQUE DE INFANTERIA

INFANTERIA EM MARCHA

Explosão na Fortaleza de Moçambique

O general sr. José Augusto Nogueira de Sá, commandante da 5.ª brigada de infanteria, nasceu em 7 de abril de 1844 e sentou praça em 18 de agosto de 1862. Commandou o regimento de infanteria n.º 16 e foi promovido a general de brigada em 25 de setembro de 1902. E' tambem um militar distincto e muito estimado.

El-Rei e o sr. Infante D. Affonso emquanto se demoraram em Vianna do Castello occuparam todo o andar nobre do palacio da Praça, pertencente ao sr. capitão de artilharia Antonio Luiz Pereira de Mello, na rua 8 de Maio, sendo os aposentos destinados a Sua Magestade e ao Senhor D. Affonso mobilados propositadamente para esta recepção com mobiliario e adereços de verdadeiro gosto e valioso trabalho artistico.

ENTRADA DA FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO, EM MOÇAMBIQUE

A EXPLOSÃO EM MOÇAMBIQUE

A proposito da explosão que no dia 21 do corrente se deu na fortaleza de S. Sebastião, em Moçambique, publicamos hoje duas gravuras uma das quaes é a entrada da referida fortaleza e a outra o edificio cuja face dá sobre o mar.

A ilha de Moçambique apenas conta tres kilometros de comprimento na sua maior extensão e approximadamente cem metros na sua largura.

A ilha tem tres paioes. O da ponta da ilha onde se armazena a polvora do commercio, o do forte utilisado para alojamento da companhia de veteranos e da fortaleza de S. Sebastião, que serve de quartel a Caçadores 1, deposito de degredados e a uma força de artilharia.

A explosão deu-se ao nordeste da fortaleza, sendo apenas destruida a parte correspondente ao baluarte e alojamentos. As duas faces contiguas tambem ficaram mutiladas, sendo mais ou menos damnificadas todas as outras dependencias.

A edificação d'esta fortaleza teve principio em 1558 no ponto escolhido por D. João de Castro quando esteve invernando em Moçambique no anno de 1545.

A fortaleza sendo denominada de S. Sebastião deu nome á povoação que foi a principio villa, e em 1818 elevada á categoria da cidade.

A construcção da fortaleza de S. Sebastião, era perfeitissima, sendo as suas muralhas dobradas, da feição d'um quadrado regular, e quatro baluartes, dois que olham para o mar e protegem as duas barras e dois que vigiam a terra.

Do lado opposto da ilha fica o forte de S. Lourenço, que cruza os seus fogos com os da fortaleza de S. Sebastião para defêza da barra do sul; e ao centro da cidade, está a fortaleza de Santo Antonio que joga com as anteriores.

A fortaleza de S. Sebastião possuia tres magnificas cisternas com que abastecia uma parte da cidade e a divisão naval.

Em os nossos n.os 73 e 74 do 4.º anno d'esta revista, (Janeiro de 1881) e devido á penna do distincto official da nossa marinha de guerra sr. Augusto de Castilho, publicámos uma succinta discripção da fortaleza de S. Sebastião de Moçambique, na qual se póde bem apreciar o seu valor na defeza da ilha e a sua importancia historica.

O VALLE DAS FURNAS

Para quem viaja nos Açores e depois desembarca em Ponta Delgada, é o passeio obrigado

BALUARTE DA FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO EM MOÇAMBIQUE, ONDE SE DEU A EXPLOSÃO

tanto a nacionaes como estrangeiros a visita ao Valle das Furnas.

Vista a cidade e seus lindos arredores, um trem puxado a tres pequenas muares conduz os vizitantes pela estrada do norte entre ferteis veigas á Villa da Ribeira Grande e d'ahi seguindo pelas alcandoradas montanhas cobertas de eterna vegetação attinge-se o ponto em que se domina o grandioso valle.

N'um conjuncto de belleza e pittoresco vê-se no fundo a aldeia das Furnas composta de graciosas casas e campos cultivados. A outro lado as fumegantes caldeiras; aqui, alli, lindos parques e jardins, e circulando em varias direcções as fitas das estradas e da Ribeira Duarte.

Descendo ao fundo do paradisiaco valle, mudam os aspectos, mas é sempre arrebatador de belleza e frescura qualquer dos pontos de vista que se escolha; proximo ás caldeiras o aspecto é imponente, pelo tumultuar continuo das aguas ferventes e de vapôres acompanhado de sinistros ruidos subterraneos.

Essas aguas, porém, captadas para um excellente edificio de banhos, tornam-se um beneficio para numerosos doentes que da ilha e do archipelago alli encontram beneficio á precaria saude.

Eis o conjuncto que apresenta a nossa gravura, reproducção em miniatura de uma bem desenhada chromo-lithographia, feita em ponto grande pelo nosso antigo collaborador artistico o sr. J. Ribeiro Christino, conceituado professor da Escola Industrial «Marquez de Pombal» e que aproveitou a sua estada na ilha de S. Miguel em serviço official, para nas folgas, estudar do natural diversos pontos e entre elles o do Valle das Furnas; compondo depois um panorama absolutamente inédito d'aquelle bello sitio, fazendo-a imprimir em boa cartolina nas officinas da *Editora*.

Para os nossos leitores que desejem possuir em quadro essa vista, na secção respectiva encontram o modo de a poderem adquirir.

Sabemos que o sr. Christino tem em execução outra vista não menos interessante tambem da mesma ilha, representando a Lagôa das Sete Cidades. Com estes trabalhos presta um serviço, qual é o de vulgarisar pelo desenho as bellezas naturaes e afamadas d'aquella parte distante do nosso paiz, pelo que felicitamos este nosso amigo e distincto artista.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

II MOVIMENTO

(Continuado do n.º 886)

O movimento do pendolo de um relogio é, tambem um movimento de *oscillação*.

O pendolo simples é um fio suspenso superiormente, tendo na parte inferior um ponto pesado. Se o fizermos oscillar, o pendolo desviar-se-ha de sua posição normal, até attingir o ponto M' — Ahi, é submettido á acção de duas forças uma na direcção M' O) prolongamento do fio), e outra na direcção M'g, da gravidade — O resultante d'estas forças obriga o pendolo a tomar a direcção M'M; e em virtude da inercia, o corpo continua em movimento alem de M, até M'', onde succede um facto identico que o obriga a voltar, de novo, até M e em seguida a M'.

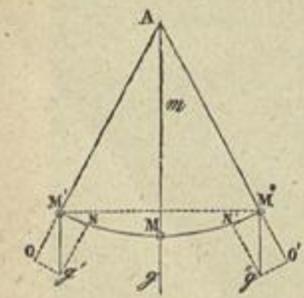



Fig. 23

Os movimentos de M' a M'' e de M'' a M' são as *oscillações* do pendolo, e o arco M' M M'', a *amplitude* d'essa oscillação.

Nos relogios utilizamo-nos do pendolo composto, que se suppõe ser um agregado de pendolos simples, de diversos comprimentos, que oscillariam em tempo diverso, se não estivessem ligados — O pendolo de um relogio suspende-se por uma pequena lamina flexivel H ligada por uma alavanca H oo' á peça N N' em forma de ancora. As extremidades d'esta peca entram alternadamente nos dentes da roda R (roda de escape) movida por uma mola — Se o pendolo estiver em equilibrio, um dos dentes da roda, encosta a uma das extremidades, d'essa peça, e não ha movimento. se, porêm, o pendolo oscillar, a roda gira, mas deixando-se uma extremidade da peça, a roda prende, para girar, de novo, na oscillação seguinte, etc. Por cada oscillação, a roda da pois, avança um dente a qual transmitte movimento aos ponteiros do relogio.

Fig. 24

Queda dos corpos os corpos abandonados a si mesmo, cahem no espaço, os mais leves, em ultimo logar. Se de uma certa altura, deixamos cahir um pedaço de chumbo, um pedaço de madeira, e um papelinho cahirá primeiro, o chumbo, em seguida a madeira, e por ultimo o papel. Se fizermos a mesma experiencia n'um espaço privado de ar, todos os corpos cahirão ao mesmo tempo.

D'aqui derivamos uma lei, conhecida, vulgarmente pela lei da queda dos corpos:

Todos os corpos cahem no vacuo, com egual velocidade.

Newton demonstrou o facto, collocando, a um tubo de 2 metros de comprimento uma barba de baleia, pedaços de chumbo, madeira e papel. Extrahindo o ar do tubo, virou-o rapidamente e notou que todos esses corpos chegavam no mesmo instante ao outro extremo do tubo.

Fig. 25

(Continúa). *Antonio A. O. Machado.*

O SEGREDO DE CLOTILDE

(Continuado do n.º 890)

VIII

A sala da casinha da Estephania, não era grande e com o sophá, as poltronas estofadas, mais uma consola, cadeiras e piano, pouco espaço deixava para os convidados, que pelas 7 horas ali estavam reunidos, conversando frivolamente, antegozando o apetecido jantar, quando se sentiu retinir a campainha da porta e pouco depois entrar uma visita.

Era a tia Jeronyma, sem ser esperada. Estava na sua quinta do Lavradio, mas não quiz que passassem os annos de Alfredo sem vir pessoalmente dar-lhe os parabens.

Ella muito queria ao sobrinho e não menos a festas e divertimentos, pelo que era senhora de sociedade, galhofeira, não poupando os rendimentos e até se dizia que entrando pelo capital, em presentes e actos de caridade, como quem tinha bom coração e grande alma.

Apesar de solteira, gostava de vêr todos casados ainda que com sacrificio da propria bolsa, dispendendo bom dinheiro em enxovaes para noivas pobres e pagando até as despezas da egreja para facilitar a contrahir o santo sacramento, se o noivo, relapso, se escusava por falta de meios.

Depois vinham os afilhados.

Boa alma, boa alma! ao pé d'ella não havia ninguem pobre nem triste!

A D. Jeronyma foi a nota alegre da festa, que não promettia grandes espanções, pelo modo um tanto reservado e frio com que Alfredo recebera os convidados.

Até chegaram a notar aquella frieza, que não sabiam explicar, pois não se convida ninguem para ser assim recebido.

As Machados, que não faltavam n'aquelles dias solemnes, cochichavam umas com outras, em familia, aventurando ditos com que as tres manas se riam emquanto o pae, velho general em disponibilidade, retorcia o bigode e muito intrigado perguntava baixinho á mulher se ella sabia por que era que o Alfredo estava assim, sorumbatico.

— Coisas da vida; não sabes!

E confidencialmente, a sr.ª D. Anna accrescentava: «Os negocios não lhe correm bem, tem quasi tudo empenhado.....

— Mas então para que dá jantares, interrompia o general em tom mais alto que poderia ser ouvido em toda a sala, se a D. Jesuina não estivesse discutindo muito acaloradamente com a irmã, os ultimos figurinos da moda, e o Pires questionando com o filho sobre a corrupção dos tempos.

— E' para não parecer mal; de mais a mais, um dia de annos...

— Mal me está elle parecendo com aquelles modos.

E a sr.ª D. Anna puxando pela aba da sobrecasaca ao general, que ia alteando a voz observou que elles tambem muita vez faziam das fraquezas forças ...

— Sim, mas é por causa das pequenas; bem sabes que é preciso vêr se se arrumam.

— Um bom partido era agora o doutor Pires, lembrou a mulher do general.

— Pois vê lá se alguma d'ellas o quer. A Lóló por exemplo; é a que tem praça mais antiga para ser promovida.

— Isso é se elle a quizer.

— Ella que lhe faça fogo...

— Que elle rende se, não é assim, concluiu maliciosamente a esposa fitando o marido, que, diga-se, de passagem, mais facilmente se rendia n'um cerco á dama ou salto ao rei, na batota que lhe levava o melhor do soldo.

A entrada de D. Jeronyma na sala é que veio chamar todas as attenções. Effectivamente a sua presença enchia a casa.

De boa estatura, desempenada, apesar dos annos, o seu aspecto transportava-nos a um passado de tres ou quatro lustres se se attendesse ao vestuario e penteado que trazia. Não era que vestisse coisas velhas, mas porque a tia de Alfredo era intransigente com as modas. Tinha para si que não havia outras mais bonitas e elegantes do que aquellas com que tinha feito realçar os seus vinte annos.

Tanto se enamorára então da sua formosura, que lhe parecia ficar sempre bella assim. D'ahi o usar grandes bandós de cabello com pente alto, ainda que este penteado mal se acommodava aos chapeus modernos, unica concessão que fazia á moda por gostar das largas abas reviradas e grandes plumas, como no seu tempo se usavam.

Para ella o mundo ficara por ali, e não se importando nada com o que os mais trajavam, ella apresentava-se com os seus vestidos de boa sedá escocesa muito rodados, que mais lhe alteava donaire, os manteletes de rendas pretas, caras, sobre que assentavam os broches de finas miniaturas emmolduradas de ouro e grossos grilhões do mesmo metal, que a muitos provocava inveja; os mitenes de retroz, deixava em desafogo os dedos onde brilhavam os anneis cravejados de pedras finas, em quantidade que, quasi lhe cobriam todas as phalanges.

Se os annos não lhe tinham alquebrado o corpo, muito menos lhe envelheceram a fronte e, á parte a frescura da primavera que tinha passado, ficara-se no outomno, em que as primeiras chuvas parecem remoçar as folhas crestadas pelo calor do estio.

A D. Jeronyma estava n'esse periodo.

Se os seus olhos não tinham toda a viveza dos verdes annos, nem a sua bocca a mesma graça do primeiro sorriso, sombreava-lhe agora os labios um soffrivel buço provocante, como pimenta em melão de inverno.

De resto, o seu espirito sempre vivo, fazia esquecer a indiscrição de alguns cabellos brancos importunos, mas que nunca fizeram ninguem velho.

Sempre alegre, bem disposta as suas primeiras palavras ao entrar na sala, foram perguntar pelo *menino nascido*.

— Qual?! acudio o doutor.

— Qual?! repetiu a D. Jeronyma. Pois o sr. parece-lhe que já pode haver hoje outro menino n'esta casa? Isso seria andar muito depressa; não é assim Alfredo, gritou ella para o sobrinho.

Uma gargalhada geral acolheu o dito da D. Jeronyma, e o Pires lá compreendeu por fim que o menino nascido era o dono da casa, ficando para comsigo de procurar nos livros esta metaphora.

Alfredo, que até ali se acantonara no vão d'uma janella, na sua já notada reserva, como que desconfiado, assim que viu na sala a D. Jeronyma, foi ao seu encontro e, pela primeira vez n'aquella tarde se lhe desannuviou a fronte com a presença da tia.

— Não me esperavas, talvez, vim tão tarde...

— E' sempre bem vinda, minha tia, e logo lhe offereceu uma cadeira para se sentar.

— Bemvinda?! Lá isso é que eu não sou. Jeronyma Maria do Nascimento Cortez, filha do capitão-mór Pedro Alves Cortez e neta de D. Rodrigo Cortez, alcaide de Badajoz, que n'estas veias gira-me sangue hespanhol, não ha duvida.

— Bem sei, bem sei, atalhou o sobrinho rindo do calemburgo que D. Jeronyma não deixara passar.

Entretanto Clotilde puxava a tia para o sophá.

— Aqui, aqui é que eu a quero.

— Sim, filha, sento-me onde quizerem, mas deixa-me primeiro abraçar teu marido, e cingindo Alfredo n'um amplexo de amisade, passou-lhe para as mãos a sua prenda d'annos, n'um lindo estojosinho de pellucia vermelha.

O sobrinho todo reconhecido agradecia a amavel lembrança, emquanto sua mulher, com a curiosidade natural do sexo, muito abelhuda, foi abrindo o estojo, que tirára das mãos do marido, e contemplando com alegria, uma abotoadura de ouro e rubis, para camisa.

— Que bonita, admirava; é um encanto; e dentro em pouco o estojo corria todas as mãos e todos, por sua vez, repetiam: «muito bonita, um encanto!»

A mulher do general, com grande previsão foi segredando ao marido.

— E' mais uma coisa para o prégo.

— Talvez, talvez, concordou elle, puxando os punhos da camisa onde luziam uns botões do basar dos tres vintens.

Alfredo estava commovido. Quasi se esquecera dos pensamentos que desde a vespera lhe torturavam o espirito.

Conversava animadamente com a tia.

A D. Jesuina commentava com a irmã o vestuario escandaloso da tia Jeronyma. Parecia impossivel que ella tivesse a coragem de se apresentar assim n'uma sala. Aquillo era até fazer pouco das pessoas, ou era pelintrice, que ella já não dava nada pela riqueza de tal senhora e até juraria que os grilhões eram falsos.

— Lá isso não direi, atalhou a irmã Eugenia, que eu sempre lh'os conheci. São genios, são genios.

E o Pires, que se chegou, appoiava.

— São genios, são genios. Assim é que todas as senhoras deviam ser para não arruinarem os maridos com tantas trapices ..

— Trapices!? interrompeu a D. Jesuina muito escandalisada. Trapos são aquelles dos tempos dos meus avós.

As manas Machados perdiam-se em fagotes de riso, criticando tambem a D. Jeronyma, e só o general lamentava que não se praticasse assim com o exercito, em vez de estarem sempre a mudar os uniformes, o que lhe atrapalhava muito as finanças.

O doutor, sentado para um canto da sala, surgiu de lá, para perguntar a Clotilde, que conversava com a irmã, se tinha lido tudo.

— Já, e achei muito bom.

— Quanto folgo, querida prima.

Mas a irmã de Clotilde extranhou aquellas palavras e curiosamente perguntou:

— O que é?

— Não é nada, disse o doutor, um tanto atrapalhado, com a indiscreta pergunta.

Clotilde logo acudiu:

— São uns versos.

— Do primo? interrogou a irmã. Não sabia que era poeta.

E o doutor cada vez mais compromettido.

— Brincadeiras, brincadeiras.

N'isto assomou á porta da sala o criadinho da casa chamando pelas senhoras ajoujado com uma grande bandeja de bolos coroada por um castello com bandeirinhas de papel azul e branco, e cravada de colloridas flores de alcorcé a balouçarem sobre os pés de arame.

Clotilde levantou-se presurosa a deter o criadinho que se adeantava pela sala, como se viesse servir doces ao chá.

— Que é isso, que é isso...

— E' isto que vieram ahi trazer, declarou o criadinho, e n'isto ia esbarrando com o doutor Pires que tambem acudira, como que para pegar na bandeja.

Por pouco não se espalharam os doces pelo tapete e derruiu o castello embandeirado se não fosse o general, que estava perto, deitar a mão á bandeja.

Era mais um presente da tia Jeronyma, a qual, rindo d'aquelle reboliço, exclamava:

— Assim general, salve o castello do assalto...

— Para cumprir as ordens de V. Ex.ª affrontaria todos os exercitos; e triumphante empunhava a bandeja como se fosse a espada victoriosa.

A sr.ª D. Anna que não gostara do galanteio, deu-lhe um beliscão no braço, que esteve a ponto de largar a bandeja no chão.

— Então que é isso general, parece que os bolos pesam mais que a espada, observou D. Jeronyma rindo.

E todos a secundaram aventurando seus ditos, emquanto o general procurava equilibrar a bandeja.

— Sim, sim, entendi-me melhor em quarenta e seis, quando rachei os patuleias, blasonava o general.

— Pois empregou bem o seu tempo... para chegarmos a esta corrupção, observou o velho Pires, tocado na sua corda sensivel.

— Quê? os bolos estão corruptos, observou ainda a tia de Alfredo rindo a bom rir.

— As consciencias, as consciencias, minha senhora voltou o Pires com tristeza.

O general já tinha sahido da sala com a bandeja salva do desastre, e a D. Jeronyma com fingida pieguice para o sobrinho:

— Ia ficando sem bolos o *menino*?!

(Continua) *Caetano Alberto.*

PERPETUAS

Tenho guardadas n'um cofre
As flores que me tens dado.
Olhando-as fico a pensar:
Tanto que ellas têm mudado!

Eram frescas, orvalhadas,
Eram risonhas, virentes
Fiel imagem de affectos
Em nossos peitos latentes.

Agora já, mais que pallidas,
Como um papel resequidas,
Fazem lembrar-me o passado,
Tantas illusões perdidas.

Porém, no aroma suave,
Que inda conservam de então.
Antevejo o meu futuro
Junto de teu coração

Quando os annos apagarem
O brilho do teu olhar,
Vai dar-me seu terno affecto
Tua candura sem par.

Se perde a flor o seu brilho,
O calor, a juventude,
Dia a dia, valem mais
Os quilates da virtude.

Germano da Silva

NECROLOGIA

MARQUEZA DE SAMPAIO

No mosteiro de Santos o Novo falleceu no dia 17 do corrente a senhora Marqueza de Sampaio, uma das mais nobres e distinctas damas que honravam a nossa aristocracia pelas suas virtudes, pelo seu talento e pelos seus elevados dotes de coração.

Exercendo a caridade no mais elevado grau os pobres perderam n'essa virtuosa senhora uma disvellada protectora e amiga, prompta sempre a a acudir nos transes afflictivos da desventura e da Miseria.

MARQUEZA DE SAMPAIO

FALLECIDA EM 17 DO CORRENTE

A sr.ª D. Maria Alexandrina de Portugal da Silveira e Vasconcellos, Marqueza de Sampaio, nascera a 19 de Abril de 1819, tendo casado com o 2.º Marquez de Sampaio, que falleceu a 15 de Fevereiro de 1876.

N'esse mesmo anno a sr.ª Marqueza de Sampaio entrou para o Real Mosteiro de Santos o Novo, sendo nomeada definitivamente Commendeira a 30 de Junho de 1897.

Tão elevada distincção conquistara-a não só a fidalguia do seu nome mas tambem as altas qualidades pessoaes que a exornavam e se impunham ao respeito e á consideração de todos.

O cadaver foi vestido com o habito de S. Thiago tendo collocada no peito a commenda que em tempo lhe fôra conferida por El-Rei D. Luiz.

CONEGO SACCADURA BOTTE

FALLECIDO EM 18 DO CORRENTE

Succumbiu no dia 18 do corrente, em Louzã, aos estragos de uma lezão cardiaca o sr. dr. Eduardo de Saccadura Botte, bacharel formado em theologia, chantre da Sé Patriarchal e reitor do Seminario de Leiria.

Devido aos seus dotes de caracter e intelligencia o conego Saccadura Botte era altamente considerado entre o clero portuguez e gosava de grande prestigio no extincto bispado de Leiria e do Patriarchado, onde além d'um alto prestigio contava grande numero de admiradores e amigos.

Saccadura Botte nasceu na villa de Louzã em 1841 e fez o seu curso de preparatorios, assim como alguns de seus irmãos, em Coimbra, para onde veiu da Louzã seu pae com a familia, para de perto seguir a educação de seus filhos.

Pouco tempo depois da sua formatura em theologia o dr. Saccadura Botte concorreu a um dos dois logares de conego, então vagos na Sé de Leiria, e, sendo provido, ali estabeleceu resi-

dencia. Alguns mezes depois era nomeado reitor do Seminario.

Quando a diocese de Leiria foi extincta, o conego Saccadura veiu para o patriarchado de Lisboa, sem que por esse facto perdesse seu titulo de reitor do seminario Leiriense, e, comquanto a sua grande modestia o prejudicasse muito na hierarchia ecclesiastica, negando-se ás solicitações d'aquellas que podiam eleval-o ás maiores cathegorias, foi em 1885 investido no novo canonicato da Sé de Lisboa, nomeado arcediago em 1890 e chantre em 1895, primeira das dignidades da Sé Patriarchal, depois de Deão.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro offereceu-lhe a nomeação de arcebispo de Mytilene, porém, o conego Saccadura recusou-se a acceder ao convite do ministro.

Saccadura Botte deixa do seu nome as mais gratas e perduraveis recordações. Austero de principios, a sua profunda illustração e virtudes davam-lhe direitos incontestaveis á estima e á consideração das altas dignidades ecclesiasticas em cujo animo tinha grande valimento e prestigio.

Não morreu de velho, porque a doença aggravada por profundos dissabores corróeu-lhe os ultimos annos da existencia, quando precisamente o seu espirito mais carecia de quietação.

AVISO

Está prestes a sahir do prélo o Almanach illustrado do OCCIDENTE para 1904. — Recebem se encommendas desde já. Preço 200 réis, pelo correio 220. — A capa é uma linda chromo lytographia do distincto artista sr. José Leite.

ILHA DE S. MIGUEL — VALLE DAS FURNAS